REVISTA Casa da GEOGRAFIA de Sobral
ISSN 2316-8056

A CATEGORIA DE TOTALIDADE NA OBRA DE MILTON SANTOS: FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS, TRAJETÓRIA CONCEITUAL E ATUALIDADE PARA A GEOGRAFIA

The category of totality in the work of Milton Santos: epistemological foundations, conceptual development, and its relevance to geography today

La categoría de totalidad en la obra de Milton Santos: fundamentos epistemológicos, trayectoria conceptual y relevancia actual para la geografía

https://doi.org/10.35701/rcgs.v28.1283

João Paulo Rosalin[1]

Leandro Di Genova Barberio[2]

Fabricio Gallo[3]

Histórico do Artigo:
Recebido em 06 de julho de 2026
Aceito em 14 de setembro de 2026
Publicado em 09 de novembro de 2026

RESUMO

O presente artigo analisa a categoria de totalidade na obra de Milton Santos, buscando compreender sua constituição teórica, seus fundamentos epistemológicos e sua atualidade para a interpretação do espaço geográfico contemporâneo. Parte-se do entendimento de que a totalidade constitui uma das categorias centrais da Geografia Crítica, permitindo superar abordagens fragmentadas da realidade espacial e compreender a articulação entre economia, política, técnica, cultura e território. Metodologicamente, a pesquisa fundamenta-se em revisão bibliográfica de caráter teórico-conceitual, centrada nas principais obras de Milton Santos e complementada por contribuições de autores que dialogam com sua produção. O desenvolvimento da discussão evidencia que a categoria de totalidade não se apresenta de forma estática na trajetória intelectual do autor, podendo ser compreendida em diferentes momentos de elaboração.

[1] Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus de Rio Claro (UNESP). Email: joaorosalin@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-7758-310X

[2] Doutorando em Geografia na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus de Rio Claro (UNESP). Email: leandro.g.barberio@unesp.br
https://orcid.org/0000-0001-5896-2315

[3] Professor Titular no DGPA - IGCE/ Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus de Rio Claro (UNESP). Email: fabricio.gallo@unesp.br
https://orcid.org/0000-0001-7674-918X

 © 1999, Universidade Estadual Vale do Acaraú. Todos os direitos reservados.

Por fim, argumenta-se que a atualidade do conceito se manifesta na capacidade de interpretar processos contemporâneos como a financeirização, a digitalização e a plataformização do território, reafirmando a totalidade como instrumento fundamental para a compreensão crítica das contradições socioespaciais do período atual.
Palavras-chave: Totalidade, Território Usado, Geografia Crítica, Teoria Miltoniana, Digitalização.

ABSTRACT
This article analyzes the category of totality in the work of Milton Santos, seeking to understand its theoretical framework, its epistemological foundations, and its relevance to the interpretation of contemporary geographical space. It begins with the understanding that totality constitutes one of the central categories of Critical Geography, enabling us to move beyond fragmented approaches to spatial reality and to understand the interrelationship between economy, politics, technology, culture, and territory. Methodologically, the research is based on a theoretical-conceptual literature review, centered on Milton Santos's major works and supplemented by contributions from authors whose work engages with his. The development of the discussion shows that the category of totality does not appear in a static form throughout the author's intellectual trajectory but can be understood at different stages of its elaboration. Finally, it is argued that the concept's relevance today lies in its ability to interpret contemporary processes such as the financialization, digitization, and platformization of territory, reaffirming "totality" as a fundamental tool for the critical understanding of the socio-spatial contradictions of the current period.
Keywords: Totality, Used Territory, Critical Geography, Miltonian Theory, Digitization.

RESUMEN
El presente artículo analiza la categoría de totalidad en la obra de Milton Santos, con el objetivo de comprender su constitución teórica, sus fundamentos epistemológicos y su relevancia actual para la interpretación del espacio geográfico contemporáneo. Se parte de la idea de que la totalidad constituye una de las categorías centrales de la Geografía Crítica, lo que permite superar los enfoques fragmentados de la realidad espacial y comprender la articulación entre economía, política, técnica, cultura y territorio. Desde el punto de vista metodológico, la investigación se basa en una revisión bibliográfica de carácter teórico-conceptual, centrada en las principales obras de Milton Santos y complementada con aportaciones de autores que dialogan con su producción. El desarrollo del análisis pone de manifiesto que la categoría de «totalidad» no se presenta de forma estática en la trayectoria intelectual del autor, sino que puede entenderse en diferentes momentos de su elaboración. Por último, se argumenta que la actualidad del concepto se manifiesta en la capacidad de interpretar procesos contemporáneos como la financiarización, la digitalización y la plataformización del territorio, reafirmando la totalidad como instrumento fundamental para la comprensión crítica de las contradicciones socioespaciales del período actual.
Palabras clave: Totalidad, Territorio Usado, Geografía Crítica, Teoría Miltoniana, Digitalización.

INTRODUÇÃO

O tempo da racionalidade técnica, composto por ações externas aos lugares, às regiões e à própria totalização espacial, caracteriza-se por instaurar um movimento constante e ininterrupto de tensionamento entre os diferentes agentes que compõem os usos do território. Nesse sentido, a totalidade espacial assume uma nova dinâmica, os lugares são transformados pelas ações externas, ao mesmo tempo em que são reconfigurados pelas ações locais, criando uma dialética entre horizontalidades e verticalidades na materialização territorial, na qual os aconteceres solidários destacam-se com condição transformadora e transformada (Santos, 2002).

 © 1999, Universidade Estadual Vale do Acaraú. Todos os direitos reservados.

A forma e seu conteúdo estão conectados às ações e à totalidade, constituindo-se como meio para a totalização espacial. A transformação das formas contribui para a constituição de novas dinâmicas, imbricando-se nas funcionalidades atribuídas às estruturas espaciais (Queiroz, 2014; Santos, 2002b; Silveira, 2009). Essa leitura remete ao debate sobre como o conceito de totalidade possibilita uma compreensão abrangente do espaço geográfico e dos processos que envolvem sua materialização. A teoria desenvolvida pelo geógrafo Milton Santos discutiu diferentes perspectivas de interpretação geográfica dos tempos, das formas e das funções, buscando compreender a totalidade espacial e sua contextualização teórica.

No contexto da fragmentação do saber, do avanço da racionalidade técnica e da crise das formas tradicionais de mediação social, o conceito de totalidade adquire renovada importância. Este artigo busca resgatar esse conceito na obra de Milton Santos, compreendendo-o como um instrumento epistêmico e político para a interpretação do espaço geográfico.

O objetivo deste artigo é resgatar e contextualizar o conceito de totalidade na obra de Milton Santos, visando compreender suas continuidades e contribuições para uma análise crítica do mundo contemporâneo, destacando sua originalidade e sua funcionalidade para uma leitura espacial dos usos do território. A metodologia consiste em levantamento bibliográfico de produções científicas nacionais sobre o tema, privilegiando as principais obras de Milton Santos, com o intuito de periodizar sua produção conceitual de acordo com sua temporalidade. Complementarmente, foram utilizadas obras secundárias, identificadas por meio de periódicos científicos, bases indexadoras e repositórios de teses e dissertações.

Totalidade e espaço na Geografia Crítica: breve contexto epistemológico e leitura do conceito

Na década de 1970, o Brasil vivenciava um intenso esforço teórico voltado à incorporação de diferentes matrizes do conhecimento, o que possibilitou o desenvolvimento de uma abordagem crítica da Geografia, fundamentada em referenciais marxistas e marxianos. Nesse contexto, vertentes da Geografia Crítica passaram a propor o espaço geográfico como objeto central de estudo da ciência geográfica (Seabra, 1996).

Com a incorporação do materialismo histórico-dialético e de correntes associadas à sua consolidação no campo geográfico, o debate passou a se desenvolver em torno da natureza do espaço geográfico, incorporando posteriormente contribuições do neomarxismo francês, influenciado pelo estruturalismo e pelo existencialismo. Foi no interior daquilo que se convencionou denominar

 © 1999, Universidade Estadual Vale do Acaraú. Todos os direitos reservados.

Geografia Crítica, bem como de suas renovações metodológicas e conceituais, que emergiram o pensamento e as obras de Milton Santos (Queiroz, 2014).

Em uma de suas obras clássicas, considerada um marco na renovação metodológica da Geografia Crítica, Santos (2002b) define o espaço geográfico como fato e fator social. Nessa perspectiva, suas estruturas não constituem mero reflexo das ações da sociedade, tampouco um simples palco onde elas se realizam. Essa formulação evolui para a definição do espaço como simultaneamente condicionado e condicionante das relações sociais (Santos, 1988). Queiroz (2014) destaca que a discussão proposta por Milton Santos consolidou a compreensão do espaço geográfico como uma instância social, cuja funcionalidade se equipara à das demais instâncias, como a economia, a política e a ideologia.

A partir do movimento da Geografia Crítica, o espaço geográfico passou a ser analisado como produto social, exigindo uma abordagem totalizante para sua compreensão. Volochko (2020) afirma que a noção de totalidade foi fundante para as ciências e para a própria Geografia, uma vez que subsidiou diversas formas de interpretação da realidade, entre elas a perspectiva transescalar, que permite compreender a realidade espacial a partir do lugar e de sua inserção na mundialização. Assim, a totalidade possibilita uma compreensão dialética da produção do espaço, concebido como processo aberto, dinâmico e em constante transformação.

A noção de totalidade envolve movimento e foi historicamente construída por diferentes correntes filosóficas, desde o pensamento grego e sua concepção de totalidade cósmica até a totalidade dialética formulada por Hegel. No âmbito da Geografia Crítica, a discussão sobre a totalidade busca compreender o espaço geográfico como produto das relações de produção, circulação e consumo do capital. Dessa forma, a Geografia Crítica procurou articular a totalidade das relações sociais nas múltiplas escalas em que se realizam, compreendendo como as relações de produção se materializam espacialmente. Lefebvre (2013) aponta que a totalidade envolve a articulação entre teoria e prática, implicando contradições e simultaneidades inerentes à produção do espaço.

Nesse sentido, Kosik (2002) afirma que o todo é cognoscível pelo ser humano por meio da representação, da opinião e da experiência. O autor complementa que, para que se "possa conhecer e compreender este todo [...] o homem tem de fazer um détour: o concreto se torna compreensível através da mediação do abstrato, o todo através da mediação da parte" (Kosik, 2002, p. 36). Volochko (2020) acrescenta que as contribuições de Lefebvre e Kosik abrem caminhos para a interpretação da realidade, demonstrando a impossibilidade de compreendê-la a partir de uma noção de totalidade

 © 1999, Universidade Estadual Vale do Acaraú. Todos os direitos reservados.

entendida simplesmente como o conjunto de tudo o que existe. A abordagem do todo deve considerar sua dinamicidade, seu caráter aberto e sua complexidade, revelando e ocultando simultaneamente suas essências.

A noção de totalidade em Lefebvre (2013), associada ao entendimento do espaço geográfico, encontra-se profundamente vinculada às ideias de produção, devir, possibilidade e construção de projetos. Nessa perspectiva, o espaço constitui-se como uma totalidade em permanente transformação, e não como um objeto estático. Assim, Volochko (2020, p. 514) indica que:

> [...] pensamento lefebvriano, a totalidade é uma noção filosófica, um conceito analítico, e também - e ao mesmo tempo - é um procedimento de método (dialético). Nessa direção, podemos supor que a totalidade articularia filosofia e ciência a partir da dialética.

O fato de pensar a totalidade nesse percurso da filosofia e da ciência remete à compreensão de uma totalidade aberta, dinâmica, que se move, se transforma e é continuamente transformada. A dialética destaca-se como elemento central dessa noção de totalidade aberta, que não se apresenta como algo dado e acabado, mas incorpora outras totalidades em sua constituição.

No âmbito do método marxiano, Lukács (2003, p. 105) destaca que:

> [...] não é o predomínio de motivos econômicos na explicação da história que distingue de maneira decisiva o marxismo da ciência burguesa, mas o ponto de vista da totalidade. A categoria da totalidade, o domínio universal e determinante do todo sobre as partes, constituem a essência do método que Marx recebeu de Hegel e transformou de maneira original no fundamento de uma ciência inteiramente nova.

De acordo com a dialética das totalidades, a produção do espaço encontra-se em permanente transformação, condicionada pelos processos históricos, pela construção do conhecimento, pelas ideias e pelas ideologias. A totalidade compõe-se, portanto, como um movimento social que emerge dos diferentes elementos da realidade e dos ciclos de reprodução do capital.

Outra influência relevante para a compreensão da totalidade na obra de Milton Santos encontra-se no pensamento de Jean-Paul Sartre, especialmente em sua crítica às concepções estáticas e fechadas da realidade social. Em *Crítica da Razão Dialética* (2002 [1960]), Sartre concebe a totalidade como um processo em permanente construção, resultado da ação histórica dos sujeitos e das relações que estes estabelecem com as estruturas sociais. A totalidade não corresponde a uma soma de partes nem a uma estrutura acabada, mas a uma totalização em movimento, aberta às contradições, às mediações e às possibilidades históricas. Tal perspectiva permite compreender a realidade como processo e reforça a necessidade de apreender os fenômenos a partir das relações que os constituem, evitando interpretações fragmentadas ou deterministas.

 © 1999, Universidade Estadual Vale do Acaraú. Todos os direitos reservados.

Sartre discute a totalização como processo em relação à totalidade, entendendo a totalidade enquanto resultado da totalização. A noção de totalização, como conceito utilizado para compreender o passado, o presente e o futuro, caracteriza-se como modo da razão dialética, tanto em sua dimensão teórica quanto prática (Santos, 2002; Souza, 2025). Para Sartre (2002), a relação de um marxismo com a representação histórica pautada somente na ação da superestrutura sobre os seres humanos ocasionaria uma leitura centrada na reprodução da ordem material, não estabelecendo uma relação simultaneamente condicionada e condicionante no movimento da totalidade. Desse modo, Souza (2025, p. 9) aponta que:

> [...] cabe enfatizar a crítica elaborada às filosofias marxistas, que é a de partir de uma estrutura cristalizada e que determina a práxis, colocando-se do ponto de vista da totalidade e não da totalização.

Sartre (2002) discute ainda como, para a "maioria dos marxistas atuais, pensar é pretender totalizar, e sob esse pretexto, substituir a particularidade por um universal" (Sartre, 2002, p. 49). A crítica dirige-se à totalidade cristalizada, uma totalidade acabada que, para determinada leitura da teoria marxista, privilegia o universal em detrimento da particularidade no movimento dialético. Tal fato teria acarretado tensionamentos entre teoria e práxis, universal e singular (Souza, 2025). Sartre ainda argumenta que o método marxista esclerosado não satisfaz às exigências de sua própria construção do conhecimento, uma vez que:

> [...] baseia-se no a priori; não extrai seus conceitos da experiência – ou, pelo menos, não da nova experiência que procura decifrar –, já os formou, já tem a certeza de sua verdade, atribuir-lhes-á o papel de esquemas constitutivos: seu único objetivo é fazer entrar os acontecimentos, as pessoas ou os atos considerados em moldes pré-fabricados (Sartre, 2002, p. 42).

Em *A Natureza do Espaço*, Milton Santos apropria-se de maneira explícita da noção sartreana de totalização para fundamentar uma compreensão dinâmica do espaço geográfico. Ao discutir a categoria de totalidade, o autor afirma que "a totalidade é uma realidade fugaz que está sempre se desfazendo para voltar a se fazer" (Santos, 2002, p. 117), indicando que a realidade social não pode ser apreendida como uma estrutura acabada, mas como um processo contínuo de constituição histórica. A questão central consiste em compreender a práxis da e na teoria, superando a perspectiva de uma totalidade dada para adotar uma perspectiva totalizante, que admite atualizações e temporalizações.

Santos (2002, p. 119) trabalha a questão de que a totalidade estruturada

> [...] é, ao mesmo tempo, uma totalidade "perfeita", acabada, um resultado e uma totalidade *in-fieri*, em movimento, um processo. Em outras palavras, devemos distinguir a totalidade produzida e a totalidade em produção, mas as duas

 © 1999, Universidade Estadual Vale do Acaraú. Todos os direitos reservados.

> convivem, no mesmo momento e nos mesmos lugares. Para a análise geográfica, essa convergência e essa distinção são fundamentais ao encontro de um método. A totalidade está sempre em movimento, num incessante processo de totalização, nos diz Sartre. Assim, toda totalidade é incompleta, porque está sempre buscando totalizar-se. Não é isso mesmo o que vemos na cidade, no campo ou em qualquer outro recorte geográfico? Tal evolução retrata o movimento permanente que interessa à análise geográfica: a totalização já perfeita, representada pela paisagem e pela configuração territorial, e a totalização que se está fazendo, significada pelo que chamamos de espaço.

Inspirado em Sartre, Santos compreende a totalidade não como um dado fixo ou exterior aos sujeitos, mas como um movimento permanente de totalização, por meio do qual objetos, ações, normas, técnicas e relações sociais são continuamente reorganizados. Nessa perspectiva, cada momento histórico produz uma determinada configuração espacial que expressa uma totalidade provisória, ao mesmo tempo resultado das heranças do passado e condição para novas transformações. A análise geográfica passa, assim, a exigir a apreensão simultânea das formas herdadas, dos conteúdos sociais que lhes atribuem significado e dos processos que continuamente reconfiguram suas funções.

Essa interpretação permite compreender por que Milton Santos atribui centralidade às categorias de processo, evento, forma, função e estrutura. A influência de Sartre manifesta-se justamente na recusa de interpretações estáticas da realidade e na compreensão de que o conhecimento do espaço exige acompanhar os movimentos de totalização pelos quais a sociedade produz e reproduz suas formas de existência territorial.

Na Geografia, Santos (2002) chama a atenção para a incorporação da totalidade como elemento fundamental para a compreensão daquilo que denomina totalidade concreta, buscando examinar as relações efetivas que produzem os lugares sob a lógica do mundo globalizado. Com relação à totalidade, à totalização e à realidade concreta para a compreensão do espaço geográfico, o autor menciona que:

> Assim, o espaço é, antes do mais, especificação do todo social, um aspecto particular da sociedade global. A produção em geral, a sociedade em geral, não são mais que um real abstrato, o real concreto sendo uma ação, relação ou produção específicas, cuja historicidade, isto é, cuja realização concreta somente pode dar-se no espaço (Santos, 2002, p. 120).

Desse modo, a totalidade converte-se não apenas em uma categoria ontológica da realidade espacial, mas também em um princípio metodológico capaz de revelar as mediações que conectam os diferentes níveis e escalas da totalização do espaço. Trata-se de analisar o movimento do global para o local e, simultaneamente, do local para o global, em um processo dialético de possibilidades para a totalização espacial.

 © 1999, Universidade Estadual Vale do Acaraú. Todos os direitos reservados.

A contribuição de Milton Santos para debater o conceito de Totalidade

A contribuição para conceito de totalidade na obra de Milton Santos não se constitui de forma linear, nem pode ser compreendida como um elemento isolado em sua vasta produção intelectual. Se refere, ao contrário, a uma construção teórico-metodológica amadurecida ao longo de décadas, influenciada por uma quantidade diversificada de literatura acadêmica articulada às transformações históricas do capitalismo contemporâneo, ao avanço técnico-científico e às renovações epistemológicas da Geografia Crítica.

Seu esforço teórico traz tanto as superficiais leituras empiristas e descritivas da Geografia tradicional quanto os reducionismos economicistas presentes em determinadas interpretações marxistas, propondo uma leitura do espaço como instância ativa da sociedade e parte constitutiva do processo de totalização histórica. Em Milton Santos, a totalidade assume uma posição central enquanto categoria de interpretação do espaço geográfico, permitindo compreender as relações entre economia, política, técnica, cultura e território como dimensões indissociáveis da produção social do espaço (Santos, 2014).

Nesse percurso intelectual, algumas obras assumem papel decisivo para a compreensão dos diferentes desdobramentos da categoria de totalidade em sua produção teórica. Em *Da Totalidade ao Lugar* (2005), coletânea que reúne textos produzidos entre 1972 e 1996, Milton Santos aprofunda a relação entre mundo e lugar, enfatizando o papel das mediações espaciais na realização concreta dos processos globais. O autor demonstra que o lugar não pode ser compreendido como simples recorte local ou escala subordinada, mas como instância em que se materializam as determinações mais amplas da sociedade. Ao destacar os eventos territorializados, a vida cotidiana e os usos do território, Santos evidencia que a compreensão do espaço exige articular simultaneamente escalas distintas, reafirmando o lugar como dimensão privilegiada da realização concreta da totalidade (SANTOS, 2005).

Em *O Espaço do Cidadão* (2014), a discussão desloca-se para as relações entre cidadania, urbanização e desigualdade socioespacial. A análise evidencia que os diferentes grupos sociais experimentam de maneira desigual o acesso aos bens, serviços e infraestruturas presentes no território. Mais do que um debate sobre a cidade, a obra revela a preocupação do autor com a articulação entre processos econômicos, políticos e espaciais, demonstrando que a cidadania não pode ser analisada de forma isolada das estruturas que produzem a desigualdade. O território aparece, assim, como dimensão constitutiva da vida social e como expressão concreta das contradições que atravessam a sociedade.

 © 1999, Universidade Estadual Vale do Acaraú. Todos os direitos reservados.

Em *A Natureza do Espaço* (2002), Milton Santos desenvolve uma das formulações mais sofisticadas de sua teoria geográfica ao definir o espaço como um "conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações" (SANTOS, 2002, p. 51). Tal formulação permite compreender que as materialidades espaciais – infraestruturas, objetos técnicos, normas e fixos territoriais – não possuem significado autônomo, sendo permanentemente produzidas e reconfiguradas pelas ações sociais. O espaço deixa de ser concebido como mero suporte das atividades humanas para assumir o papel de instância ativa da sociedade, tornando possível interpretar de forma articulada categorias como forma, função, estrutura e processo.

Já em *Por uma Outra Globalização* (2001), a reflexão concentra-se nos efeitos da mundialização e na difusão do meio técnico-científico-informacional. O autor demonstra que a globalização não pode ser reduzida à expansão dos mercados ou das tecnologias, mas deve ser entendida como um processo complexo que reorganiza seletivamente os usos do território. Nesse contexto, ganham destaque categorias como território usado, verticalidades e horizontalidades, fundamentais para compreender como as dinâmicas globais se materializam de maneira diferenciada nos lugares. Ao evidenciar a coexistência entre imposições hegemônicas e formas locais de resistência, Santos oferece instrumentos analíticos para interpretar as contradições espaciais do período contemporâneo.

Em conjunto, essas obras demonstram que a contribuição de Milton Santos ultrapassa a simples incorporação da categoria de totalidade à Geografia. Sua discussão da totalidade na Geografia não se reduz a uma adesão simplista de vocabulários ou categorias filosóficas para a análise espacial. Ao ler sua obra, observamos o esforço sistemático presente na reelaboração conceitual para tornar o espaço geográfico uma categoria inteligível como realidade histórica, social e contraditória. A totalidade, por conseguinte, deixa de ser apenas uma exigência abstrata de pensamento e passa a operar como método para compreender a articulação entre objetos, ações, técnica, poder, expressados nas relações de uso do território.

Seu ponto de partida é a recusa da premissa de uma Geografia entendida apenas como disciplina das localizações, visão que ele considera insuficiente porque limita o alcance explicativo da ciência geográfica e reduz o espaço a um suporte passivo das ações sociais (Santos, 2002b). A alternativa proposta é pensar o espaço geográfico como território usado, isto é, como resultado histórico e base material das novas ações humanas, abrindo caminho para uma consideração abrangente das causas e dos efeitos do processo socioterritorial (Santos, 2002a). Os objetos não existem como materialidades neutras ou isentas de sentido, nem as ações se explicam por si

 © 1999, Universidade Estadual Vale do Acaraú. Todos os direitos reservados.

mesmas; ambos (objeto e ações) se constituem reciprocamente no movimento da totalização, no decorrer histórico. Assim, a materialidade do espaço não pode ser separada das práticas sociais que a animam, e a vida social não pode ser pensada fora das formas herdadas e produzidas que a condicionam.

Essa inflexão é chave primordial no pensamento do autor, pois nele, a totalidade não se confunde com uma soma de partes nem com a ideia de um todo indiferente. Ao revés, ela é relacional, histórica e concreta, elemento que sintetiza sua originalidade metodológica, epistemológica e teórica. A totalidade do espaço, portanto, é uma entidade dinâmica, na qual forma e conteúdo, estrutura e função, passado e presente se combinam de maneira sempre provisória e aberta a transformação (Santos, 2005). Essa sua formulação permeia diferentes momentos de sua obra e adquire densidade particular em A natureza do espaço, quando o Santos insiste que o espaço deve ser tratado como síntese sempre refeita entre o espaço construído e as ações atuais que lhe conferem funcionalidade.

E é a partir dessa reflexão que a crítica à fragmentação ganha protagonismo. Milton Santos identifica que uma das graves limitações da Geografia tradicional e de parte da Geografia aplicada consiste em trabalhar com recortes parciais do real (espaço econômico, político, turístico, antropológico etc.) como se tais adjetivações pudessem capturar a essência do fenômeno espacial (Santos, 2002b). Em sua leitura, por substituir por leituras especializadas e ocasionais a análise do todo e de seu movimento, esse procedimento enfraquece a disciplina, ao gerar respostas ocasionais, mas incapazes de orientar intervenções duradouras (Santos, 2002b).

A crítica não é meramente epistemológica, mas permeia o caráter político da disciplina. O manifesto sobre o papel ativo da Geografia (Santos, 1988) afirma que, se a conceituação do objeto não abarcar as relações da sociedade em sua totalidade, as intervenções tenderão a ser funcionais e limitadas ao seu tempo. Intervenções totalizadoras e a proposta de uma teoria, de fato, social, dependem, desse modo, de uma categoria de análise bem definida: o espaço geográfico, lido como território usado e como espaço banal, isto é, como espaço de todos, de todas as instituições, empresas e sujeitos, onde se condensam as determinações da totalidade social (Santos, 2010).

Essa noção de território usado é, talvez, a mais significativa das contribuições de Milton Santos para a geografia crítica, ao passo que ela condensa a passagem da abstração territorial para a análise da territorialidade concreta. Para além de uma extensão delimitada por fronteiras estatais o território está em constante uso, isto é, o espaço é apropriado a todo momento por práticas sociais, técnicas, normas, fluxos, intensões e conflitos. Ao perseverar nessa formulação, Santos recoloca a questão da totalidade em bases materiais: o território usado é totalidade porque reúne, em um mesmo processo,

 © 1999, Universidade Estadual Vale do Acaraú. Todos os direitos reservados.

os meios e os usos, as potencialidades e as limitações, os fixos e os fluxos, o econômico e o político, a cooperação e o conflito (Santos, 2002a; Santos, 2002b). Em caráter analítico, isso significa que o território é sempre mais do que sua forma aparente. Ele é também a história sedimentada no espaço, o acúmulo de tempos, o campo de forças onde se confrontam racionalidades distintas (Santos, 2002c). Nas leituras sobre a obra de Milton Santos (Silveira, 2009), essa ideia aparece de modo reiterado: como a base material e social das novas ações humanas, o território permite compreender as causas e os efeitos do processo socioterritorial de maneira integrada.

Associada a essa concepção está a noção de espaço banal, que reforça a dimensão totalizante do pensamento miltoniano. Entendido como o espaço onde coexistem os diferentes agentes, escalas, temporalidades e interesses não se trata de uma instância homogênea, mas de uma totalidade concreta atravessada por desigualdades, complementaridades e conflitos. Esse adjetivo transpõe a análise espacial para o plano da vida ordinária, dos usos cotidianos, das práticas locais e das experiências de reprodução social. Em contraponto a uma visão que enxerga o espaço como resultado de conjunções dominantes, Santos o compreende como realidade vivida, ocupada e disputada. É aqui que, por sua leitura, podemos entender que a totalidade deixa de ser um horizonte distante e passa a ser uma arena de mediação efetiva entre o local e o global. Por essa perspectiva podemos compreender o espaço banal como a dimensão onde se torna possível o reconhecimento de determinações da homogeneização do mundo, porém, sem a dissolução das singularidades dos lugares. O espaço banal constitui, portanto, um ponto de encontro entre universalidade e concretude, entre a lógica do capital e as resistências do cotidiano (Santos, 2005).

O evento torna-se, nesse momento, uma categoria relevante uma vez que une categorias que, à primeira vista, parecem antagônicas: mundo e lugar, tempo e espaço, passado e futuro, história feita e história em curso. Já a forma-conteúdo, componente do espaço, expressa a indissociabilidade entre a materialidade herdada e as funções assumidas em cada momento histórico. Com isso, ao ler Santos é possível compreender que o espaço não pode ser reduzido nem à forma, nem ao conteúdo isoladamente, mas sua inteligibilidade depende do movimento da totalidade, em que as partes só adquirem significado em relação a todo o conjunto das demais. Nesse sentido, a noção de universalidade empírica também é decisiva, pois indica que a globalização produz uma base material concreta para a universalização das relações, ao mesmo tempo em que reabre a possibilidade de se pensar os lugares como instâncias de realização do mundo. O que está em jogo, portanto, não é a oposição rígida entre local e global, mas a compreensão de sua articulação histórica. (SANTOS, 1982; Santos, 2001; Santos, 2002a).

 © 1999, Universidade Estadual Vale do Acaraú. Todos os direitos reservados.

A formulação de Milton Santos se aproxima da epistemologia presente no materialismo histórico-dialético porque recusa tanto o empirismo descritivo, quanto a abstração formalista. Há, em sua obra, uma clara afinidade com a tradição da totalidade concreta, na medida em que o espaço é pensado como mediação entre níveis diversos da realidade social. Essa mediação se exprime na noção de território usado e, posteriormente, para o diálogo entre verticalidades e horizontalidades, que se observa em *A Natureza do Espaço*. As verticalidades representam a ação dos agentes hegemônicos, a racionalidade externa, o comando de fora; as horizontalidades, por sua vez, correspondem aos usos e realizações locais, às solidariedades, às práticas de coabitação e às resistências do cotidiano. Essa distinção é fundamental porque mostra que a totalidade espacial é contraditória: nela coexistem o que tende à homogeneização e o que sustenta a diferença (Santos, 2002a).

Por isso, Milton Santos não interpreta a globalização como simples expansão técnica ou integração neutra dos lugares ao sistema mundial. Ele a lê como processo totalizante e desigual, no qual a técnica e a informação são apropriadas por forças sociais desiguais, produzindo novas hierarquias e novos modos de exclusão, mas também novas possibilidades de ação política. (Santos, 2001).

A articulação entre totalidade e lugar se faz crucial nessa percepção. Em vez de opor o universal ao singular, Milton Santos trabalha com a ideia de que o lugar é a escala onde o mundo se realiza concretamente. O lugar não é o oposto da totalidade, mas sua forma situada (Santos, 2005). É nele que espaço e tempo mundiais se encontram e se tornam visíveis na experiência cotidiana. Por isso, o estudo do lugar exige uma abordagem relacional, capaz de captar os efeitos da divisão territorial do trabalho, os condicionamentos técnicos e as respostas locais, inclusive aquelas produzidas pelos sujeitos subalternizados (Santos, 2002a).

O legado de sua contribuição está justamente em mostrar que a totalidade não anula a singularidade; ao contrário, permite compreendê-la. Em sua perspectiva, os lugares, são pontos de condensação de histórias, usos, conflitos e possibilidades, resíduos de um processo global abstrato. A totalidade, portanto, não mascara ou apaga diferenças, mas explica os motivos de sua existência, como se combinam e de que maneira podem ser politicamente mobilizadas.

A obra de Milton Santos também permite compreender a razão pela qual a totalidade continua sendo uma categoria indispensável à Geografia. Em um período cuja aceleração técnica, a financeirização da economia, a ampliação das redes e a digitalização dos usos territoriais, deixam marcas no espaço, o risco da fragmentação analítica se intensifica. Se o espaço é tomado apenas

 © 1999, Universidade Estadual Vale do Acaraú. Todos os direitos reservados.

em sua dimensão funcional ou setorial, perde-se a capacidade de perceber as determinações mais amplas que o estruturam. A alternativa oferecida por Milton a esse risco é a proposição de uma leitura em que os objetos técnicos são portadores de intencionalidade, os sistemas de ação são inseparáveis das materialidades e o território é entendido como campo de disputa entre projetos de mundo. Nesse sentido, sua obra é uma orientação crítica para a pesquisa geográfica e permite articular periodização, técnica, forma espacial, trabalho, poder e uso do território em uma mesma análise, restituindo à Geografia sua capacidade de síntese e de interpretação do mundo.

Desse modo, a contribuição de Milton Santos para o conceito de totalidade consiste em transformá-lo em categoria operatória da Geografia crítica. Ele não apenas reafirma a necessidade de pensar o todo, mas demonstra que esse todo é histórico, contraditório, territorializado e concreto. Em sua construção teórica, a totalidade não é uma abstração metafísica, mas é o próprio movimento do espaço geográfico enquanto produção social. Ao articular sistema de objetos e sistema de ações, território usado e espaço banal, evento e forma-conteúdo, lugar e mundo, dentre tantos outros conceitos que se completam, Milton Santos oferece à Geografia um instrumento teórico capaz de enfrentar a fragmentação do saber e a fragmentação da realidade. É essa elaboração que lhe confere lugar no debate geográfico contemporâneo e que torna sua obra um instrumento de análise para a interpretação do mundo atual.

Diferentemente de parte da tradição marxista, que tende a compreender a totalidade prioritariamente a partir das relações econômicas de produção, Milton Santos desloca a análise para a espacialidade concreta da vida social. Sua originalidade reside em compreender a totalidade através do território usado, do lugar e das mediações espaciais, convertendo o espaço geográfico em instância constitutiva da própria totalização histórica.

Num esforço de síntese, a partir da trajetória intelectual de Milton Santos que já apontamos até aqui, podemos identificar um processo de amadurecimento da categoria de totalidade, que pode ser compreendido em três momentos principais. Em um primeiro momento, entre as décadas de 1970 e 1980, a totalidade aparece associada à discussão da formação socioespacial, à crítica da economia política do espaço e à compreensão do espaço geográfico como fato e fator social, conforme expresso em obras como *Por uma Geografia Nova* (2002b) e *Espaço e Sociedade* (1979). Em um segundo momento, particularmente na década de 1990, a elaboração teórica adquire maior densidade ontológica com a formulação do espaço como conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, alcançando sua sistematização mais elaborada em *A Natureza do Espaço* (2002a). Por fim, a partir dos anos 2000, a totalidade passa a ser discutida no contexto da

 © 1999, Universidade Estadual Vale do Acaraú. Todos os direitos reservados.

globalização, do território usado, do espaço banal e das relações entre verticalidades e horizontalidades, evidenciando os modos pelos quais as dinâmicas globais se materializam de forma desigual nos lugares (SANTOS, 2001; Santos e Silveira, 2001).

. Essa evolução revela que a totalidade, em Milton Santos, não constitui apenas uma categoria conceitual destinada à interpretação do espaço geográfico, mas também um princípio metodológico de investigação da realidade. Sua função consiste em impedir a fragmentação da análise, permitindo articular escalas, agentes, temporalidades, técnicas e processos sociais em uma mesma interpretação. Nesse sentido, a totalidade opera como mediação entre o movimento do mundo e a concretude dos lugares, constituindo um recurso metodológico indispensável para compreender a complexidade e as contradições da produção do espaço contemporâneo. Em seguida procuramos, então, mostrar como essa categoria permanece atual diante das novas formas de racionalidade técnica, digitalização e financeirização do território, que produzem uma realidade pautada na ação corporativa e empresarial da totalização espacial.

Totalidade espacial, território usado e racionalidades contemporâneas

O conceito de totalidade espacial, na atualidade, auxilia na análise espacial e de suas particularidades relacionadas às racionalidades técnicas, compostas por ações externas aos lugares e às regiões, proporcionando um entendimento da realidade a partir dos tensionamentos operados nos usos territoriais. As ações e seus eixos de expansão das totalizações espaciais caracterizam como as formas se tornaram elementos de novos conteúdos, alterando sua dinâmica de funcionalidade espacial, indissociável do movimento da temporalidade.

A digitalização espacial, desdobramento do meio técnico-científico-informacional, caracteriza um novo movimento de materialização da totalidade espacial em suas configurações físicas e na produção de novas ações. O período das relações técnicas informatizadas formaliza novos usos destinados ao território a partir da técnica digital (Ribeiro, 2024; Arroyo, 2024; Venceslau, 2025). Nota-se, assim, a digitalização do espaço geográfico como um novo padrão de difusão para o período técnico-científico-informacional (Venceslau, 2025).

A digitalização do território trata de relações de uso a partir das particularidades de agentes que se utilizam da conexão e da infraestrutura computadorizada, somada às relações de aprendizado das máquinas (*machine learning*, aprendizagem profunda ou máquinas inteligentes), como forma de promover a difusão da informação e sua base de comunicação (Ribeiro, 2024). O cenário que conduz a sistemática de digitalização tem como pilar o avanço da IA e seus sustentáculos de complexidade

 © 1999, Universidade Estadual Vale do Acaraú. Todos os direitos reservados.

e interconexão de tecnologias-chave, como a computação em nuvem, a Internet das Coisas e o *Big Data* (Amaral, 2023).

A expansão das plataformas digitais constitui um dos desdobramentos mais expressivos do atual período técnico-científico-informacional. Segundo Srnicek (2017), o capitalismo contemporâneo passou a organizar parcela crescente de sua dinâmica econômica por meio das plataformas digitais, entendidas como infraestruturas capazes de intermediar interações, capturar dados e transformar informações em ativos estratégicos para a acumulação de capital. Nesse contexto, a produção de dados torna-se elemento central da valorização econômica, ampliando a capacidade de monitoramento, coordenação e gestão dos fluxos territoriais. A digitalização do espaço não se restringe, portanto, à incorporação de novas tecnologias, mas corresponde à constituição de uma nova materialidade técnica, sustentada por redes de comunicação, centros de processamento de dados, sistemas algorítmicos e dispositivos digitais que passam a integrar a produção contemporânea do território.

Em perspectiva complementar, Van Dijck, Poell e De Waal (2018) argumentam que a plataformização corresponde à crescente penetração das lógicas operacionais das plataformas digitais em diferentes esferas da vida social, econômica e política. Tal processo permite compreender a emergência de novas formas de regulação territorial mediadas por algoritmos, sistemas de recomendação, mecanismos de vigilância e infraestruturas digitais corporativas. A partir dessa leitura, o território pode ser entendido como espaço cada vez mais atravessado por arquiteturas informacionais que condicionam práticas de consumo, circulação, trabalho e sociabilidade. Sob a ótica da totalidade espacial, a plataformização revela uma nova dimensão das verticalidades contemporâneas, na medida em que grandes corporações tecnológicas passam a exercer crescente influência sobre os fluxos, os usos e as funcionalidades do território, redefinindo as relações entre técnica, informação e poder.

No contexto brasileiro, diversos pesquisadores têm contribuído para a compreensão das relações entre digitalização, técnica e território. Dialogando diretamente com a tradição miltoniana, autores vêm demonstrando que a expansão das redes digitais não elimina a centralidade do território, mas produz novas formas de seletividade espacial, dependência técnica e diferenciação geográfica. Tozi (2023; 2024) tem destacado o papel das infraestruturas informacionais e das tecnologias digitais na reorganização dos usos do território, analisando como as redes técnicas e os sistemas de informação participam da produção das desigualdades espaciais num contexto de economia plataformizada. Pasti (2025a; 2025b), por sua vez, tem investigado os circuitos informacionais, os

 © 1999, Universidade Estadual Vale do Acaraú. Todos os direitos reservados.

sistemas de comunicação e a constituição de novas formas de articulação territorial no período técnico-científico-informacional, evidenciando a necessidade de uma construção coletiva de soluções tecnopolíticas enraizadas na realidade concreta dos lugares, orientadas pela busca da soberania digital popular e pela promoção de formas mais solidárias de uso do território. Já Ribeiro (2024) aponta que digitalização do território intensifica as lógicas hegemônicas de acumulação e apropriação da riqueza, mas também convive com racionalidades alternativas que se expressam por meio das solidariedades e dos usos cotidianos do espaço banal. Em conjunto, essas contribuições reforçam a atualidade da leitura miltoniana ao demonstrar que as novas tecnologias se incorporam à totalidade espacial como elementos constitutivos das dinâmicas contemporâneas de poder, circulação e uso do território.

A totalidade espacial ganha uma nova característica e racionalidade técnica a partir da digitalização. A financeirização do capital (Chesnais, 1998; 2000; Montenegro, 2017) assume uma roupagem de dispersão e materialização no ordenamento da produção do lugar, introduzindo uma aceleração das trocas de informação, da produção de dados, da vigilância e da rentabilidade em sistemas virtuais. O lugar, em sua escala de totalidade do cotidiano, na contemporaneidade, apresenta um novo contexto para o lugar-mundo, sendo entendido a partir das relações de usos territoriais e da materialização de circuitos espaciais produtivos, consequência da intencionalidade de empresas externas e de suas demandas mercadológicas.

Os agentes que usam o território e sua estrutura socioeconômica contemporânea estão combinados ao regime de acumulação financeira. A transformação desses agentes, em relação à circulação e à valorização, adentra o cerne da financeirização enquanto elementos que sofrem com a especulação. A relação corporativa serve como movimento especulativo para a ação do capital financeiro e sua forma de extração de renda.

Sassen (2022, p. 3) caracteriza “as finanças como marcadas por uma lógica de extração, [...] e não de consumo de massa”, destacando que as “[...] finanças constroem um espaço operacional distinto, que não tem nada que ver com o consumo de massa, mas tudo a ver com a extração de ganhos de diversos atores e cenários” (Sassen, 2022, p. 3). É a partir da colocação da autora que se identifica a produção territorial urbana e como os diversos cenários e agentes envolvidos transformam as relações de totalização espacial.

Assim, os “territórios” tornaram-se locais cada vez mais centrais para a reprodução, transmutação e reconstrução contínua do próprio neoliberalismo. A abstração da produção urbana, um urbanismo pautado na ação de agentes do mercado e o planejamento territorial corporativo

 © 1999, Universidade Estadual Vale do Acaraú. Todos os direitos reservados.

formulam-se enquanto medidas e objetivos estratégicos para uma gama cada vez maior de experimentos envolvendo políticas neoliberais, inovações institucionais e projetos políticos.

A globalização, consequência da atualização técnica e de um novo processo econômico de estruturação capitalista, destaca-se como um momento de difusão da totalização socioespacial. Esse período é marcado pelos interesses do mercado na busca por um padrão simultâneo e instantâneo de circulação de informações, mercadorias e consumo. A perversidade da globalização, que se combina à totalização espacial, produz e organiza lugares de acordo com as verticalidades, ações de grandes empresas ligadas ao capital financeiro.

A dialética da totalização espacial, que encontra resistência nas horizontalidades, caracteriza-se por formas e conteúdo que servem como amparo aos aconteceres homólogos e complementares. Desse modo, a materialização da globalização ocorre sob os ideários econômicos, políticos e técnicos de normativas empresariais, condicionando a ocorrência de crises e conflitos sob a lógica de organização territorial. São as racionalidades alternativas dos lugares que atuam como contraponto à racionalidade hegemônica da técnica, da digitalização financeira, do capital, do território e da sociedade, dando sentido à produção das disputas territoriais.

A intensificação da racionalidade técnica, a financeirização dos circuitos produtivos e a digitalização do território são fatores contemporâneos que explicitam tensionamentos permanentes entre os usos corporativos do espaço e as necessidades concretas da reprodução social. A atualidade do conceito de totalidade, nesse contexto, manifesta-se precisamente em sua capacidade de apreender a coexistência dialética e contraditória de racionalidades distintas que fazem usos diversificados do território, permitindo a compreensão de como os lugares são permanentemente reorganizados por interesses externos, ao passo que produzem formas particulares de adaptação, resistência e reinvenção social (Silveira, 1999).

Nessa direção, as contribuições de María Laura Silveira aprofundam e atualizam a reflexão miltoniana sobre a totalidade espacial ao enfatizar os processos de seletividade territorial produzidos pela globalização contemporânea. Para a autora, a difusão desigual das modernizações e dos conteúdos técnicos reforça hierarquias espaciais e redefine continuamente os papéis desempenhados pelos lugares na divisão territorial do trabalho. A totalidade manifesta-se, assim, por meio de uma combinação entre processos globais e condições locais, revelando que os usos corporativos do território coexistem com racionalidades produzidas pelos agentes locais. Tal perspectiva reforça a compreensão do território usado como expressão concreta da totalidade, permitindo analisar como as dinâmicas econômicas, políticas e técnicas se territorializam de forma

 © 1999, Universidade Estadual Vale do Acaraú. Todos os direitos reservados.

seletiva, produzindo simultaneamente integração, diferenciação e desigualdade espacial (SILVEIRA, 1999; 2009).

A totalização espacial promovida pela globalização financeira estabelece novas dimensões de poder, caracterizadas pela seletividade territorial, pela intensificação dos fluxos e pela centralização dos mecanismos de decisão econômica (Silveira, 1999). A financeirização, associada às tecnologias digitais, opera mediante uma crescente abstração das relações econômicas, transformando os lugares em suportes funcionais da valorização do capital. O território assume, assim, uma funcionalidade subordinada à lógica da rentabilidade, convertendo-se em plataforma de circulação de capitais, dados, serviços financeiros, sistemas logísticos e dispositivos de controle. Entretanto, tal movimento não implica uma dissolução do espaço geográfico, mas sua reconfiguração desigual, marcada pela emergência de novas centralidades e periferizações. (Miraftab, 2016), Sassen (1998) e (Silveira 1999; 2009).

Na contribuição de Sassen (1998), podemos observar que a globalização econômica produz novas formas de territorialização do poder, ao passo que mantém no território sua centralidade. Ao debruçar-se sobre o conceito de cidade global, a autora propõe compreender a globalização a partir de suas localizações estratégicas, isto é, pelos lugares concretos onde os processos globais se materializam e onde se concentram as funções de controle e comando da economia mundializada. A economia global, como destacado pela autora, necessita de ancoragens materiais específicas, sendo as cidades globais espaços de concentração da infraestrutura necessária à produção de capacidade de controle global e inovação. A aparente fluidez dos fluxos financeiros, informacionais e produtivos não dispensa a materialidade territorial, pois requer infraestruturas técnicas, normativas e urbanas complexas.

Nota-se um diálogo profícuo com Santos (2002; 2001; 2014) e com Silveira (1999), especialmente no entendimento de que os processos globais somente se realizam através dos lugares e da seletividade espacial. Se, para o primeiro, o território usado expressa a concretude da totalidade e, em Silveira, as regiões passam por uma hierarquização espacial, para Saskia Sassen as cidades globais aparecem como espaços estratégicos da mundialização, nos quais as dinâmicas do capital financeiro assumem densidade empírica e escancaram as profundas contradições socioespaciais. As leituras associadas mostram que a nova economia global produz, simultaneamente, concentração de riqueza e precarização do trabalho, articulando setores altamente especializados com formas laborais invisibilizadas e mal remuneradas. Essas bases teóricas fundamentam estudos empíricos que evidenciam que a aparente arquitetura sofisticada da

 © 1999, Universidade Estadual Vale do Acaraú. Todos os direitos reservados.

globalização depende estruturalmente de trabalhos precarizados, frequentemente desempenhados por mulheres, imigrantes e populações subalternizadas, revelando que a racionalidade global se sustenta sobre formas desiguais de inserção territorial.

Assim, para além do destaque dado aos centros de poder da globalização financeira, difunde-se também uma geografia ampliada da desigualdade. Como observado por Sassen (1998) e por Silveira (1999), a emergência de espaços privilegiados de integração global é acompanhada pela marginalização de extensos territórios progressivamente desconexos das dinâmicas centrais de crescimento econômico, intensificando desigualdades intraurbanas, interurbanas e regionais. Torna-se necessária uma nova atenção: os lugares tornam-se seletivamente integrados aos fluxos globais, subordinados às demandas de produtividade, conectividade e rentabilidade impostas pelo capital transnacional (Silveira, 1999)A materialização dessa lógica conduz àquilo que Santos (2001) compreende como perversidade da globalização: um processo de modernização seletiva em que os benefícios da técnica coexistem com o aprofundamento das desigualdades e da fragmentação social.

É precisamente nesse ponto que se revela a atualidade e a potência analítica do conceito de totalidade: permitir compreender simultaneamente os mecanismos de dominação territorial e as formas concretas de resistência produzidas no cotidiano. Em Milton Santos (2002), os lugares não são apenas espaços de imposição das verticalidades, mas também espaços de emergência das horizontalidades, isto é, das solidariedades locais, dos aconteceres complementares e das práticas sociais produzidas a partir das necessidades concretas da vida cotidiana.

Ao mesmo tempo, a contribuição de Doreen Massey (2008) e sua concepção relacional do espaço permitem compreender os lugares não como entidades fixas ou delimitadas, mas como encontros provisórios de trajetórias múltiplas, constituídos pela coexistência de temporalidades, fluxos e relações sociais heterogêneas. Em *Pelo Espaço*, Massey (2008) sustenta que o espaço é produto de inter-relações, constitui a esfera da multiplicidade e está sempre em construção. Tal perspectiva aproxima-se da noção miltoniana de uma totalidade aberta e movente, permitindo compreender o espaço contemporâneo como totalidade contraditória permanentemente reconfigurada pelas disputas territoriais. Enquanto determinados agentes corporativos exercem capacidade ampliada de circulação e comando territorial, outros permanecem submetidos às imposições espaciais do capital, experienciando formas diversas de exclusão, imobilidade e vulnerabilidade territorial. O espaço, portanto, não é homogêneo; ele é relacionalmente desigual.

Em suma, a atualidade do conceito de totalidade na contemporaneidade reside em sua capacidade de apreender a complexidade contraditória do espaço produzido sob o capitalismo

 © 1999, Universidade Estadual Vale do Acaraú. Todos os direitos reservados.

financeirizado e digitalizado, permitindo compreender os conflitos entre o uso corporativo do território e as necessidades da reprodução social, bem como reconhecer a emergência de racionalidades alternativas produzidas nos lugares. A coexistência entre verticalidades e horizontalidades, entre hegemonia e resistência e entre a globalização e o cotidiano reafirma a totalidade espacial como categoria indispensável à Geografia contemporânea, sobretudo diante de um mundo marcado simultaneamente pela intensificação dos fluxos globais e pela persistência das desigualdades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz do pensamento do geógrafo brasileiro Milton Santos, o que se buscou evidenciar na discussão apresentada neste texto é que a categoria de totalidade permanece como um dos fundamentos epistemológicos mais relevantes para a Geografia crítica. Herança conceitual da tradição filosófica, essa categoria constitui um importante instrumento teórico para a compreensão da realidade espacial em sua complexidade, movimento e contradição.

Ao longo da trajetória da Geografia crítica, essa categoria permitiu superar leituras empiristas ou meramente descritivas do espaço, trazendo à tona a interpretação dos fenômenos espaciais a partir de suas relações sociais, territoriais e históricas. Assim, firmou-se em oposição às interpretações fragmentadas que isolam os processos políticos, econômicos, culturais ou territoriais, possibilitando a compreensão das múltiplas determinações que atuam simultaneamente na produção e no uso do espaço geográfico.

Nesse percurso, a obra de Milton Santos representa uma das mais importantes contribuições para a renovação do conceito de totalidade no interior da ciência geográfica. Dialogando diretamente com a tradição dialética (presente em Hegel, Marx, Lukács, Lefebvre e Kosik), o autor promove uma reelaboração do conceito ao vinculá-lo à compreensão de que o espaço é uma instância da sociedade. Expressa na articulação entre sistemas de objetos e sistemas de ações, sua formulação da totalidade concreta permite compreender o espaço não como palco, mas como condição, meio e produto das relações sociais. Ao fazê-lo, Santos transforma a totalidade em categoria operatória da análise geográfica, capaz de revelar a articulação e a interdependência existentes entre técnica, economia, política, cultura e território.

A contribuição torna-se ainda mais evidente quando observada a partir da perspectiva dos países periféricos do Sul Global. Milton Santos constrói sua reflexão teórica tendo como referência os processos históricos, sociais e territoriais que marcam a América Latina, a África e outras regiões submetidas a formas desiguais de inserção na economia mundial. Partindo dos problemas concretos

 © 1999, Universidade Estadual Vale do Acaraú. Todos os direitos reservados.

do espaço vivido, sua obra articula a filosofia e a geografia, oferecendo caminhos para revelar a desigualdade com que se realizam os processos globais nos territórios e como as populações subalternizadas, nesse contexto, elaboram estratégias de apropriação e resistência no e do espaço. O território usado, o espaço banal e as horizontalidades constituem algumas das expressões que, associadas aos seus pares dialéticos, refletem essa permanente preocupação em compreender o mundo a partir dos sujeitos e dos lugares historicamente marginalizados.

A atualidade dessa perspectiva torna-se evidente quando se observam as transformações contemporâneas associadas à globalização, à financeirização e à digitalização do espaço. Não se pode negar que o avanço do meio técnico-científico-informacional produziu novas formas de integração espacial, ampliando a velocidade dos fluxos, a circulação de informações e a capacidade de coordenação do capital em escala planetária. Todavia, esse mesmo processo aprofundou desigualdades territoriais, ao mesmo tempo que ampliou mecanismos de exclusão e reforçou formas seletivas de apropriação do território. Diante disso, a totalidade permite relacionar escalas, agentes, temporalidades e processos que participam da produção do espaço contemporâneo, bem como identificar as contradições e os conflitos que emergem dos usos corporativos do território e das disputas em torno de sua apropriação, articulando categorias e fenômenos que, de outra forma, poderiam parecer dispersos.

Ao mesmo tempo, o diálogo estabelecido com autores contemporâneos, como Saskia Sassen e Doreen Massey, demonstra que a categoria de totalidade possui potencial de renovação teórica, desde que se reconheça a pluralidade de saberes e racionalidades invisibilizados pela modernidade hegemônica. Se as análises da globalização evidenciam a centralidade do espaço na organização do capitalismo contemporâneo, as abordagens relacionais do território contribuem para compreender o dinamismo da totalidade e seu permanente processo de reconstrução.

Sustenta-se, por fim, que a categoria de totalidade pode, para além de uma exigência epistemológica da análise geográfica, constituir também um posicionamento político diante da dispersão e da fragmentação da Geografia, marcadas pela excessiva especialização do conhecimento, pela compartimentação dos fenômenos sociais e pela naturalização das desigualdades. A noção de totalidade em Milton Santos não deve ser interpretada apenas como herança do marxismo dialético. Ela constitui uma categoria epistemológica própria, elaborada na intersecção entre dialética, fenomenologia, teoria dos sistemas e reflexão latino-americana, permitindo a construção de uma teoria geográfica da totalidade cuja materialização concreta ocorre através do espaço. A contribuição de Milton Santos, portanto, permanece essencial para a Geografia

Todos os direitos reservados.

e para as demais ciências sociais, na medida em que oferece um arcabouço teórico capaz de compreender a complexidade do período da globalização.

Em um contexto marcado pela fragmentação do conhecimento, pela financeirização da vida social e pela crescente digitalização dos territórios, a categoria de totalidade permanece não apenas como fundamento epistemológico da Geografia, mas como condição indispensável para a compreensão crítica das contradições do mundo contemporâneo.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e ao CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pelo financiamento de partes da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, J. G. A expansão da Inteligência Artificial e seu impacto nas dinâmicas sociais: desafios e responsabilidades. **Revista da UFMG**, v. 30, p. 1-27, 2023.

ARROYO, M. A digitalização do território paulista: manifestações atuais e tendências que prevalecem. **Confins**, v. 65, 2024.

CHESNAIS, F. Mundialização do capital, regime de acumulação predominantemente financeira e programa de ruptura com o neoliberalismo. **REDES**, Santa Cruz do Sul, v. 3 n. 1, p. 185-212, jul. 1998.

CHESNAIS, F. Mundialização: o capital financeiro no comando. **Revista Outubro**. São Paulo, n. 5, p. 7-28, 2000.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LEFEBVRE, H. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013.

LUKÁCS, G. **História e Consciência de Classe**. Martins Fontes, 2003.

MASSEY, D. **Pelo espaço:** uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MIRAFTAB, F. Insurgência, planejamento e a perspectiva de um urbanismo humano. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, *[S. l.]*, v. 18, n. 3, p. 363, 2016.

MONTENEGRO, M. R. Da financeirização ao lugar: dos nexos hegemônicos às contra racionalidades do cotidiano. **GEOgraphia**, Niterói. v. 19, n. 40, 2017.

MORAES, J. A. Território na geografia de Milton Santos. **RAEGA - O Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, n. 25, p. 49-66, 2013.

OLIVEIRA, T. D. O "Brasil da Amazônia": olhares e preocupações de Milton Santos com a Região Norte do país. **Boletim Campineiro de Geografia**, Campinas, n. 3, v. 40, p. 48-68, 2020.

PASTI, A. Das tendências tecnopolíticas dominantes às contrarracionalidades: caminhos para a resistência no marco da digitalização do território. In: SILVA NETO, M. L.; SILVEIRA, C.; GOMES, C.; GARCÍA, M. C. L.; FERNÁNDEZ, P. L. (org.). **Cenários alternativos de planejamento territorial para o século 2**1. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2025a, p. 420-432.

 © 1999, Universidade Estadual Vale do Acaraú. Todos os direitos reservados.

PASTI, A. Entre as redes globais e as vozes locais: diferenciações do território e caminhos da ação social. **Revista Ciência Geográfica**, v. 29, p. 726-736, 2025b.

PRESTES, E. G.; FREITAS, G. F.; MOURA, R. S. A categoria "totalidade" na geopolítica escolar: o conflito Rússia-Ucrânia no ensino de Geografia. **GEOUSP. Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 1-20, 2025.

QUEIROZ, T. A. N. Espaço geográfico, território usado e lugar: ensaio sobre o pensamento de Milton Santos. **Revista Para Onde!?**, v.8, n. 2, p. 54-161, 2014.

RIBEIRO, L. H. L. Digitalização do território: materialidades e sentidos da ação. **Revista Tamoios**, v. 20, p. 123-144, 2024.

SANTIAGO, J. P. Totalidade, estado-nação, formação social, território como categorias fundamentais da geografia crítica e o pensamento geográfico. **Anais** eletrônicos... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/78679. Acesso em: 03 jul. 2026.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: Edusp, 2014.

SANTOS, M. **Espaço e Método**. São Paulo: Edusp, 2008a.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Edusp, 2008b.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar.** 1. ed. São Paulo: Edusp, 2005.

SANTOS, M. **A natureza do espaço.** Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002a.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. Da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Edusp, 2002b.

SANTOS, M. O tempo nas cidades. **Ciência e Cultura**, v. 54, n. 2, p. 21-21, 2002c.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à razão universal. 6ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, M. O espaço geográfico como categoria filosófica. **Terra Livre**, n. 5, p. 9-20, 1988.

SANTOS, M. Para que a geografia mude sem ficar a mesma coisa. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 59, AGB – Seção São Paulo, São Paulo, [1982] 1984, pp. 5-22.

SANTOS, M. **Espaço e sociedade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.

SANTOS, M. O papel ativo da geografia. Um manifesto. **Revista Tamoios**, São Gonçalo, v. 2, n. 1, 2010.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil.** Território e sociedade no início do século XXI. São Paulo: Record, 2001.

SAQUET, M. A.; SILVA, E. A. L. Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território. **GeoUERJ**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 193-214, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da razão dialética**: precedido por questões de método. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira; apresentação da edição brasileira, Gerd Bornheim. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SASSEN, S. Lógicas predatórias: indo muito além da desigualdade. **Caderno CRH**, Salvador, v. 35, p. 1-17, 2022.

SASSEN, S. **As cidades na economia mundial**. Trad.: Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. O pensamento de Henri Lefebvre e a geografia. **Boletim Paulista de Geografia**, *[S. l.]*, n. 74, p. 7-22, 2017.

SILVEIRA, M. L. Ao território usado a palavra: pensando princípios de solidariedade socioespacial. In VIANA, A. L. d'Á.; IBAÑEZ, N.; ELIAS, P. E. M. (Org.). **Saúde, desenvolvimento e território**. São Paulo: Aderaldo & Rotschild, 2009.

SILVEIRA, M. L. Geografía y formación socioespacial: por un debate sustantivo. **Estudios Socioterritoriales: Revista de Geografia**, Tandil, v. 16, n. 2, p. 141-168, 2014.

SILVEIRA, M. L. Uma Situação Geográfica: do método à metodologia. **Revista Território**. 4(6), jan./jun. 1999.

 © 1999, Universidade Estadual Vale do Acaraú. Todos os direitos reservados.

SOUZA, T. M. Do teórico-crítico à quase política em Sartre: caminhos da noção da totalização em curso na obra crítica da razão dialética. **Philósophos**, v. 30, n. 2, p. 1-32, 2025.

SRNICEK, N. **Platform capitalism**. Cambridge: Polity Press, 2017.

TOZI, F. As formas geográficas e a digitalização do território no período técnico-científico-informacional. In: CASTILLO, R.; SILVA, A. M. B.; CATAIA, M.; ALVES, V. E. L. (Org.). **Território brasileiro**: contribuições da obra de Milton Santos para pensar o período informacional. Rio de Janeiro: Consequência, 2024.

TOZI, F. Digitalização do espaço e uso algorítmico do território. In: ARROYO, M. M.; SILVA, A. M. B. (org.). **Instabilidade dos territórios**: por uma leitura crítica da conjuntura a partir de Milton Santos. São Paulo: FFLCH/USP, 2023.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; DE WAAL, M. **The Platform Society: Public Values in a Connective World**. New York: Oxford University Press, 2018.

VENCESLAU, I. Digitalização do território brasileiro e comércio eletrônico: os serviços informacionais na divisão territorial do trabalho. **GEOUSP. Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, Brasil, v. 29, n. 3, 2025.

VOLOCHKO, Danilo. Henri Lefebvre: totalidade, radicalidade e dialética espacial. **GEOUSP. Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, Brasil, v. 23, n. 3, p. 506-524, 2019.

 © 1999, Universidade Estadual Vale do Acaraú. Todos os direitos reservados.